



1964
23 DE JUNHO
ANO VII
N.º 36

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

ARAUTO

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: DR. TOMAZ DA ROSA

Redactores
Ricardo Costa, Mário Carmo
e Carlos Frayão

Redactor Desportivo
Humberto Amaral

Secção Publicitária
José Decq Motta
José Avelar Rosa

Administradores
Luís Gonçalves
Herberto Faria

Lembrando a Semana de Estudos

Apesar da crise sísmica de S. Jorge ter dado ocasião a que se pusesse em dúvida a celebração da III Semana de Estudos, a Direcção do Núcleo Cultural da Horta resolveu assumir o encargo de realizá-la na nossa cidade, a não ser que a crise se complicasse. Efectivamente essa dificuldade foi vencida.

Após a ocorrência de incidentes derivados das condições do tempo que teimosamente se mostrou de má feição, ocasionando a ausência de três conferencistas, ausência essa lamentável, pois que os seus trabalhos viriam sem dúvida enriquecer e completar os restantes temas, efectuou-se nesta sempre hospitaleira cidade, — e mais uma vez provou sê-lo — a III Semana de Estudos Açorianos.

Podemos afirmar sem reticência que esta «Semana Grande», como em boa hora lhe chamou um dos nos-

sos diários, constituiu um êxito.

Êxito que se deve, não só ao esforço e dinamismo do ilustre Secretário Permanente das Semanas de Estudo, Dr. José Enes, e ao generoso e desinteressado contributo dos ilustres conferencistas, mas também à Direcção do Núcleo, às diferentes Secções por ela nomeadas, aos Amadores Teatrais e a todos os que de

Conclui na 2.ª página

Uma poesia de Fernando Pessoa

São apenas três estrofes subordinadas ao título «O Mostrengo». Mas que riqueza elas não contêm! Quanto nos falam de bravura, coragem, heroicidade dos Portugueses.

Sugerem-nos o mesmo que o Adamastor de Camões.

Procuremos representar

As quatro maiores poetas portuguesas

É este um assunto bastante debatido e espinhoso. Na realidade as opiniões dividem-se, facto esse bastante compreensível em virtude da subtilidade exigida para uma escolha de tal ordem, uma vez que nunca poderemos dizer que um poeta é superior a outro unicamente porque uma das suas composições é superior a todas as do outro.

Teremos, pelo contrário, de observar todas as suas obras no seu conjunto, para que nos possamos então pronunciar.

Posto isto, e mesmo perante as divergências de parecer, formulamos mais uma vez a pergunta:

— Quem são os nossos maiores poetas?

Os mais abalizados críticos são unânimes, apesar de tudo, em afirmar serem três os mestres da poesia nacional:

Camões, Antero de Quental e Fernando Pessoa.

Todos nós conhecemos Camões e a sua poesia épica evidente n'«Os Lusíadas»; assim, notemos que o que o distinguiu, foi sem dúvi-

Conclui na 2.ª página

O ARTESANATO do Distrito da Horta

Múltiplas e variadas são as manifestações de gosto artístico nos meios rurais do Distrito da Horta.

A recente exposição de Artesanato realizada por ocasião da III Semana de Estudos provou exuberantemente esse facto.

Ali se podiam apreciar as principais características tradicionais da arte e indústrias populares.

A renda de bilros surgia magistral e branca das mãos da rendilheira cujo trabalho era acompanhado pelo tic-tac monótono e rápido dos pequenos cabos de madeira que se chocavam pela ponta.

O crochet, a renda típica sobretudo do Pico era também executada por hábeis mãos femininas. (As

Conclui na 2.ª página

a cena mais ou menos como o poeta a viu: pelo mar que parece não ter fim, navegando, uma nau que com portugueses de então corre à procura de novos mundos; nessa nau, igual a tantas outras que já haviam sulcado outros mares, vão outros portugueses, não menos valorosos que aqueles; são homens corajosos, que nada temem, que não voltam a cara ao inimigo que lhes aparece pela frente, que não retrocedem às inclemências do tempo. Dentre todos, sobressai o homem do leme.

Imaginêmo-lo: um homem corpulento e hábil, que ao primeiro olhar, nos parece de uma vontade e força invencíveis; no cuidado e atenção que lhe notamos, vemos o peso da responsabilidade que suporta; é o enviado de El-rei, o depositário da confiança de D. João II.

Conclui na 2.ª página

Concerto pela Orquestra da Fundação Gulbenkian

Por diligências do Núcleo Cultural da Horta, foi possível que a orquestra de câmara da Fundação Gulbenkian em digressão artística pelas ilhas, executasse um concerto no «Amor da Pátria» no dia 13 do corrente, proporcionando-nos ocasião para apreciar-mos o seu elevado nível. O salão do «Amor da Pátria» estava literalmente cheio. Os estudantes do Liceu, sobretudo os mais adiantados, marcaram a sua presença nesta manifestação de actividade artística.

Bit

Conclusão da 1.ª página

Mas lá no fundo, bem no fundo do mar, talvez no fim, como diz o poeta — o mar não tem fim — algo vem modificar a monotonia daqueles longos dias e noites intermináveis. Um vulto informe de negra côr. Sua morada, insondável caverna. Sua voz seria um uivo.

Eis que, no meio da noite escura espera a nau portuguesa que entra nos seus domínios, domínios horrendos, como horrendo era o seu senhor. E, como gigante que era, não precisava de guardas! Ele próprio os defendia. Ao avistar a nau que se aproximava, levantou voo lento, cadenciado, inquiridor, terrível. Atreveram-se a invadir os meus domínios?! Quem será que tem a ousadia? Que motivos os trouxeram a estas paragens? Atraver-se-ão porventura? Impossível! Mas a nau continuava a avançar. Apercebeu-se que era verdade: a nau tinha entrado nas suas cavernas!

Foi então que o Mostrengo irrompeu com tamanha fúria, qual tempestade no mar enfurecido: quem se atreve?

Perante o imprevisto, só o homem do leme lhe poderia responder: «El-rei D. João II». Foi a tremer que o disse. O Mostrengo, mais carrancudo, mais tenebroso, mais ameaçador, irado, irrompeu de novo: — Mas quem ousa tocar-me? Quem ousa querer ultrapassar o meu poder? Quem? Quem será o louco que a tal se atreve? E eu a julgar que jamais

"... Almas Cativas"

Dado o valor da obra do nosso poeta Roberto de Mesquita, o «Arauto» de colaboração com o Núcleo Cultural da Horta, vai proceder à reedição das «... Almas Cativas».

Tendo já sido pedidas as devidas autorizações, o «Arauto» inicia hoje a publicação, dando assim aos estudantes a possibilidade de coleccionar as poesias para uma brochura, quando a reedição esteja concluída.

aqui me pudessem descobrir?! Vamos, quem foi?

— Pela segunda vez, o bravo homem do leme, se bem que a tremer, responde: «El-rei D. João II! O seu nervosismo atinge o máximo. Tremeu três vezes, três vezes soltou o leme da mão. Mas de cada uma das vezes o segurou ainda com mais força. Então, por fim reuniu todas as suas forças que ainda lhe restavam e desta maneira se dirigiu ao Mostrengo ameaçador: — Sou mais forte do que tu! Represento um povo maior do que tu!

Possuo uma alma que não receia as tuas trevas! Tenho uma vontade que supera a tua resistência, a vontade do meu rei D. João II, a vontade de um português, a vontade de um povo que não foge diante do perigo.

Nesta altura a nau já tinha passado.

Hoje como outrora o povo português tem revelado a sua coragem e persistência perante novos Mostrengos, ou novos Adamastores.

Maria Luisa Lemos de Oliveira
3.º Ano B

Lembrando...

Conclusão da 1.ª página

qualquer forma colaboraram para levar a bom termo a realização de um dos maiores acontecimentos da história da nossa terra.

Quanto à parte financeira destaca-se o valioso subsídio da Gulbenkian.

Perante a importância de um tal acontecimento que se reveste do mais alto interesse para a solução de problemas respeitantes às nossas ilhas, não podíamos, nós os estudantes, ficar indiferentes; e na realidade não foi essa a nossa atitude dada a circunstância de que, a nossa presença foi constantemente marcada no decorrer de toda a Semana, o que demonstra que os novos, tendo plena consciência dos numerosos problemas que afectam a nossa vida insular, também desejam «mais saber para melhor viver».

Conclusão da 1.ª página

raparigas do Pico costumam fazê-la sentadas perto da janela e quantas vezes vemos o crochet enfeitando a casa em cortinas, toalhas e naperons ou atenuando a monotonia das roupas interiores terminando bainhas e emoldurando decotes).

O fillet, os bordados de palha do Faial e os bordados à agulha também so-

DOS NOSSOS CENTROS

Curso de Chefes de Quina

No dia 30 de Abril terminou mais um curso de Chefes de Quina que teve a seguinte classificação:

MUITO APTOS — Fernando Magalhães Gonçalves e Sidónio Manuel.

APTOS — Sérgio Machado Soares, Fernando Manuel Menezes, Aristides Magalhães Taborda, João Armando Macedo, José André F. da Terra, Estanislau Dias Avelar, Rui Manuel Vieira, Augusto Medeiros e Luis Alberto Vieira.

Aos novos chefes de Quina, as nossas felicitações.

Provas de Campo

No mês de Abril e pela primeira vez na Divisão da Horta, realizaram-se duas provas de campo nas quais tomaram parte cerca de setenta filiados do C. E. I. e alguns filiados do C. I. M. 26.

A's Quinas vencedoras das provas serão atribuídos diplomas.

Acampamento da Páscoa

Devido ao mau tempo não foi possível a realização deste acampamento, o qual, depois de requerida autorização, será efectuado durante as Férias Grandes.

Sargento Fernando Dutra

No dia 2 do corrente no Restaurante Capitólio, filiados do C. E. I. e do C. I. M. 26, ofereceram um jantar de despedida ao instrutor dos mesmos centros, que no Carvalho Araújo seguiu para o Ultramar.

Ao Sr. Fernando Dutra desejamos as maiores felicidades.

bretudo do Faial eram autênticos prodígios em que o carácter prático ia a par com a arte.

Mas se um artista quisesse representar o realismo da arte rústica, ali encontrava a tecedeira imprimindo ao tear um cadenciado quase igual para juntar os fios multicores que iriam transformar-se nos grossos «coberjões» que se estendiam pelas paredes.

Da roca e do fuso que a fiandeira fazia girar, viamos sair o grosso fio de lã que depois aparecia em meias e camisolas.

E, como a completar este vestuário rústico e aldeão, lá estavam os chapéus de palha, indústria quase limitada aos Cedros mas anteriormente florescente na fronteira do Pico e ainda hoje em St.ª Luzia.

Depois os trabalhos de miolo de figueira davam-nos a impressão de irmos passando através dum país nórdico. Eram as casas, os moinhos, os barcos que nos apareciam brancos, dum pureza imaculada.

Por fim o homem, embelezando os mil nadas graciosos em que a mulher punha toda a sua habilidade, oferecia-nos os trabalhos de osso de baleia (feitos sobretudo no Pico). Apareciam então os cinzeiros, as jarras, bugigangas e ornatos que o torno tinha perfurado e a mão do artífice amaceado.

Assim, ante nossos olhos admirados, depararam-se-nos os magníficos espécimes do Artesanato.

Eles são autênticos produtos do génio popular e aparecem-nos como que a marcar uma continuidade nas artes e indústrias do povo que o industrialismo não pôde ainda aniquilar.

Maria Isabel Goulart
6.º Ano B

Sabiam que o M. M. ultimamente se tem dedicado a actividades relacionadas com a química vinícola?... E' verdade!

Para ele «ser esperto ou não ser, eis a questão», mas desta vez: «Mais um copo ou menos um copo foi a questão»...

V. S.^o deseja visitar a Caldeira,
a Espalamaca ou o Vulcão,
dar a volta à ilha, um pas-
seio turístico ou um simples
serviço utilitário?

Não hesite em telefonar para o 67
e terá a qualquer hora
veículos "Mercedes-Benz"
e "Peugeots"

À SUA INTEIRA
DISPOSIÇÃO

não esqueça,
chame seis sete

Linhas DMC

Café Moccona sem cafeína

TODDY

Farinhas alimentícias Casilan, Farex e Complan

Companhia de Seguros Garantia

MOSAICOS

Encontra V. Ex." no Agente

I. ÁVILA DE MENEZES

Largo do Bispo, 14

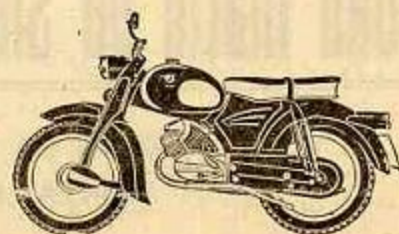
HORTA

ZÜNDAPP

Já chegou a 30.^o remessa de bicicletas motorizadas

Zündapp Falconete Modelo KS 50

com 4 velocidades, mudança de pé, arranque por pedal (Kickstarter)
pneus super-balão 21x2.83, assento corrido, porta-bagagem cromado



e já chegaram

Motociclos

Zündapp

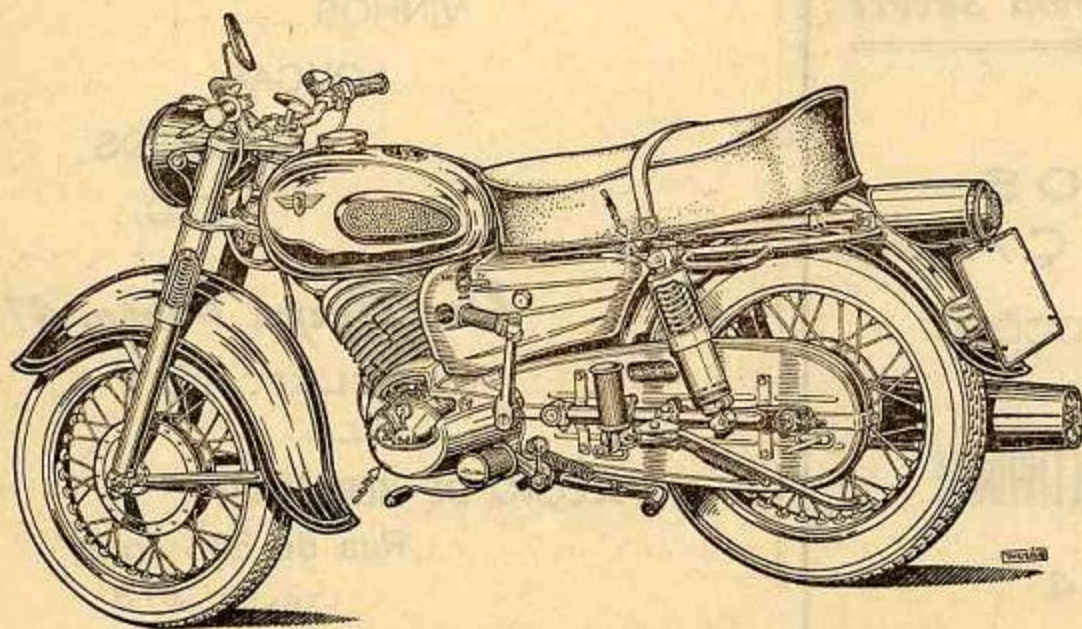
TROPHY - S 175

e TROPHY - S 250

de 165 e 25 cm³

únicos com arranques eléctricos!

Karl-Heinz Grötzner



CASA POLACA

TELEFONE 342

de António Veríssimo Pereira

Rua Conselheiro Medeiros, 27

FAZENDAS, MIUDEZAS E BIJUTERIAS

ONTEM, HOJE E SEMPRE

a Casa que mais barato vende

Na Secção de Papelaria

DA FIRMA

Manuel Alexandre da Silva

(HERDEIROS)

RUA WALTER BENSÁUDE, 10

Encontrará todo o material da especialidade, bem como louças finas, brinquedos, etc.

Café Europa

Depois do seu almoço
ou jantar prefira

o Café do Europa

LARGO DA REPÚBLICA

COR

QUALIDADE

BELEZA DURADOURA

só com

Robiallac

Agentes Distribuidores no Distrito

Júlio Dutra d'Andrade & Macedo, Lda.

Casa das Casimiras

João Inácio da Silva, Filhos, L.^{da}

LARGO DA MATRIZ

HORTA - FAIAL

Símbolo de bem servir

MODAS

LANIFÍCIOS

CALÇADO

SECÇÃO DE CONFECÇÕES

— MAIS DE 50 ANOS DE ACTIVIDADE —

TELEFONE 74

Casa

Casimira Gonçalves

com

SECÇÃO DE TALHO

CEREAIS

VINHOS

LOUÇAS

ALUMÍNIOS

ETC.

Rua Serpa Pinto, 41

TELEF. 187

SECÇÃO DE MERCEARIA

Rua de São João

TELEF. 313

Livraria de 'O Telégrafo'

Grande variedade de Toucas para banho

Rolhas «Propper» uma rolha
que serve para qualquer garrafa

Artigos Liceais
Albuns, etc.

Casa Leão

DE
José Pedro da Rosa

Cereais
Artigos de Merceria
Vinhos
Etc.

Sapataria Lecoq

A sapataria
que mais
barato
trabalha

Merceria Pereina

LOUÇAS

PLÁSTICOS

VINHOS, ETC.

Prove o Café desta Casa

Calções de Banho
Panamás
e
Chapéus para Praia

à venda na

Casa Arruda

HORTA

Material Escolar



Papelaria
do

Carneia da Horta

General Electric

uma marca
que dispensa propaganda

AGENTE OFICIAL

António Gonçalves da Rosa

LARGO DA MATRIZ

TELEF. 214

Merceria Lisbonense

PLÁSTICOS

ALUMÍNIOS

VIDROS

VINHOS

ETC.

Os Sorvetes desta Casa
são os mais apreciados pela malta

Ourivesaria *Olimpia*

TELEFONE 311

COMPLETO SORTIDO DE ARTIGOS DE OURIVESARIA

Agente oficial dos relógios

OMEGA
TISSOT
CERTINA

Pastelaria Lusa

Nesta Pastelaria além de todas as bebidas e dos afamados cachorros, a malta tem à sua disposição o tão conhecido ambiente familiar...

e não esqueça o
«CAFÉ DA LUSA»
ótimo rebatente...

Manuel Augusto da Silva

antigo empregado do Café Volga

abriu na Rua Vasco da Gama
uma requintada mercearia

Visite esta casa
e será bem servido.

CASA NOVI

*Uma casa nova que se impõe
pelos seus artigos
e seus baixos preços*

Petiscos...

Mariscos...

e bom vinho

só na

Casa Faial *(Casta)*

CANTO DE D. JOANA

Preços

sem

concorrência

Com as afamadas Linhas

«D. M. C.»

tem V. Ex.º o problema de Bordados, Rendas e Crivo resolvido encontrando todos os artigos nos estabelecimentos da cidade

O Agente - Depositário
no Distrito

I. ÁVICA DE MENEZES

LARGO DO BISPO, 14
HORTA - FAIAL

10% de desconto

a JASSIG

oferece aos estudantes
em todos os artigos.

CANETAS
ESFEROGRÁFICAS
ETC.

DISCOS
as últimas novidades

Reviva o seu tempo de ESTUDANTE com:

INSTAMATIC

"50"

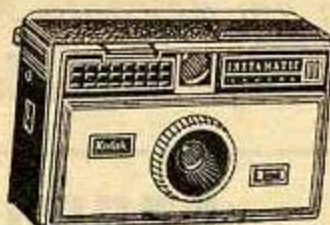


246\$ s/ I. C.

Flash vendido
separadamente
(87\$00)

ou

"100"



c/ Flash
incorporado
468\$

em casa ou no campo fazem:

12

diapositivos a cores
Fotos 9x9 cm. a cores
Fotos 9x9 cm. a preto e branco.

À VENDA NA
GALERIA FOTOGRAFICA

José Goulart

Rua Ernesto Rebelo, 9 — Tel. 455 — HORTA

Café-Restaurante

a Lima

a casa que melhor serve

Não hesite!

Dirija os seus passos à mercearia

OTHON AMARAL

o mais completo sortido
de Mercearia Fina

TEL. 139

PHILIPS

apresenta

12 modelos

totalmente transistorizados

a pronto e a prestações

DISCOS

ÚLTIMAS NOVIDADES

Fogões a gaz «JUNIOR»

7 MODELOS

AGENTES - OFICIAIS

FRANCISCO J. CAMPOS, L.^{DA}

ALFAIATARIA
Rodrigues

DE
Francisco Augusto de Azevedo

Executam-se
todos os trabalhos
para homem
e criança

Os Soares

ao serviço de V. Ex.^{as}

1 OPEL,
1 MERCEDES.

GENTILEZA!
RAPIDEZ!
CONFORTO!

TELEFONE 213

Confie a execução
dos seus trabalhos
fotográficos

À

**Foto
Azul**

RUA WALTER BENSAÚDE

Quem tem tino
chama pelo

Celestino

TELEFONE 257

Foto Jovial

TELEFONE 56

Serviços de reportagem
Trabalhos para amadores
Completo sortido de todos
os artigos para fotografias

Preferir a JOVIAL

é ter a certeza de ser bem servido

Cunha Leite

Recebe e expõe
altas qualidades

em
CONFECÇÕES
SAPATARIA
e CAMISARIA

Padaria

Açoreana

DE

José Peixoto de A'vila & C.a

Fabrico e distribuição de pão

Artigos de Mercaria

Vinhos

Cervejaria

Padaria Açoriana

Praça da Infante

Hortex

Grande sortido de malhas,
Rústicos e Ráfias

com um desconto de 10%
para estudantes

MERCARIA FAVORITA

MINHA SENHORA:

Se comprar na Favorita
economiza e fica rica

pois nela encontrará o melhor
sortido pelos mais baixos preços

RUA CONSELHEIRO MEDEIROS

Conclusão da 2.ª página

da alguma, a originalidade e grandeza como épico e lírico. Na expressão do amor humano, bem poucos sentiram como ele o que há de inefável no amor. Os seus versos líricos traduzem-nos aquilo que sempre prevalecerá no espírito do homem, principalmente no sentir da gente portuguesa.

São estas qualidades que nos permitem classificá-lo como «O Príncipe dos poetas portugueses». E no sector épico immortalizou-se apresentando ao mundo uma obra que levou ao seu conhecimento todas as facetas das árduas e arriscadas empresas levadas a cabo pelos portugueses de alguns séculos atrás. Na grande visão universal do mundo e do homem que «Os Lusíadas» documentam, lampeja de facto um génio excepcional. Mas é também, repita-se, o lirismo belo e arcaico que encontramos em quase todos os seus sonetos que, o tornam um poeta de tão notável valor.

Quanto a Antero de Quental, outro génio da nossa poesia, basta que olhemos para os seus sonetos «Na Mão de Deus», «Palácio da Ventura» e «Mors-Amor», para que concluamos não ser impunemente que o situam em segundo plano na literatura portuguesa. Todo o açoriano que se preze, deve saber que este poeta também açoriano, nos dá a honra de ocupar um lugar de destacado relevo e projecção nas letras nacionais.

Recorramos ao exame atento das suas obras e verificaremos que todas elas primam por uma originalidade sem par, característica essa, aliás, comum a quase todos os grandes poetas. Assim, registariamos ainda que também Antero soube dar às suas poesias, principalmente aos sonetos, um cunho profundamente humano, mas sob um aspecto diferente do de Camões: a ânsia humana, a luta, o desejo de perfeição, a corrida incessável para um fim, que ele considera o início da verdadeira ventura: a Eternidade.

Enfim, talvez nenhum poeta tenha lançado aos versos a angústia humana com o ardor e a intensidade da poesia Anteriana.

Segue-se Fernando Pessoa que podemos considerar um continuador de Camões, não propriamente como épico, mas por ter concebido uma interpretação lírica da nossa epopeia.

A sua visão profunda e cheia de emotividade assombra-nos por vezes como na «Ode Marítima», na qual consegue reunir todos os pensamentos e impressões causadas pela presença da vastidão oceânica. Cultivou ainda outros géneros de poesia dos quais sobressai aquele em que procurou sentir a vida moderna. Não incorremos pois num erro, apelidando-o de «o poeta do progresso».

De facto, sob o heterónimo de Álvaro Campos—engenheiro—Fernando Pessoa apresenta uma série de poemas que focam a vida actual nos seus múltiplos aspectos: a subida constante dos arranha-céus, a energia e actividade predominante, a corrida do progresso, a febre de invenção. Tem ainda outros heterónimos como Alberto Caeiro—poeta da Natureza e Ricardo Reis, o poeta que tenta adaptar à sensibilidade moderna o espírito e a forma de Horácio.

Na epopeia encontramos todas as suas qualidades de lírico, evidentes em «A Mensagem».

Falamos agora de outro poeta contemporâneo que tem suscitado as mais vivas discussões: Teixeira de Pascoais, que segundo uns será superior a alguns do citado grupo, e que, segundo outros poderá constituir um à parte, colocando-se em quarto lugar.

Mas não podemos deixar de admirar as suas poesias que além do mais são originalíssimas. É que, Teixeira de Pascoais revela-se criador num tema não só difícil, como ainda do agrado geral dos Portugueses: a saudade, essa palavra com um significado tão especial e complexo na nossa língua. São com efeito notáveis as suas poesias,

NOCTURNO

E' noite...
As estrelas,
Puras gemas
Em veludo negro,
Cintilam no céu...
A Lua de prata,
Que ontem brilhou,
Em praias distantes,
De ilhas de sonho,
Sua luz deixou...
Tudo é calma...
A natureza dorme...
Notas caídas,
Da suave balada
De ondas na praia,
Vêm até mim,
No perfume das flores...
Muralhas negras...
Luzes dum barco...
Espuma branca
Em praias escuras...
Quatro palmeiras,
Mensagem dos trópicos
Recortam-se,
Confusas,
No céu de breu...
A brisa, nas folhas,
Toca em surdina
Doce melodia...
Morrem as sombras
E a poesia...
Acaba a noite...
Começa o dia...

YANN

No teu barco ao vento
Sopram chamas de vida.
Chamas-me. E eu perdida.
Vou correndo ao teu encontro...
Porque terá a tua voz
O dom da flauta mágica?
(Suave—e mais potente—por mim
Em ecos passa...
...e eu não sei nunca, se vai
Se vem, se afinal tudo é farsal...)
O teu barco palpita algures
Mas sem pressa...
Vira-te peço, com horizontes ru-
bros!
Sacia-me a sede do teu sonho,
Leva-me pela mão à Aventural
Porque eu só quero ir
Para conhecer os castelos de
nuvens
E encher de luz a minha noite
escura!
Silvia

apresentando-nos também um outro aspecto original: a condensação no homem português dos sentimentos universais — «Sombras», uma obra como «Sombras», é dum poeta excepcional.

Em conclusão: serão estes os quatro maiores poetas portugueses, pela sua originalidade e profundidade? A maior parte dos críticos assim o pensam.

Carlos Frayão

ALMA

Penso,
Que outro sou.
Que dentro de mim
Algo diferente existe.
Mas quem?
Um ser liberto,
Que encarna todas as fantasias
Da minha juvente.
Quem?

Sonho,
E vejo outro eu.
O outro ser,
Que rapidamente se transforma,
Nos seres da minha imaginação.
Um pobre, um rico.
Um jovem, um velho,
Enfim,
Todas as personagens.
Todos os seres
Que existem sobre a terra.

Assim imaginando,
Assim clamando,
Julgo chegar ao fim.
A uma ideia,
A um pensamento;
Que me lembra
Deus.

ASFER

RELÓGIO

Tem-te, aparelho ignóbil.
Não marques mais o tempo,
Não marques mais horas.
Deixa correr livre a vida.
Relógio,
Não batas mais,
Tem-te, para sempre,
Deixa de trabalhar.
Mas,
Deixa trabalhar
O Mundo.

ASFER

São assim os Estudantes...

Intercâmbio Insular

Dois semanistas súbitamente interessados por problemas de técnica da construção civil, (influências do ambiente) resolvem discutir os ditos problemas *in loco*.

Foi assim que, dada a proximidade do *loco* se dirigiram para o novo edifício do Liceu, mesmo à hora pouco cómoda, mas quando há «amor à arte» não há obstáculos (nem mesmo os calhaus que por lá havia pelo chão e onde os «técnicos» podiam dar alguma topada).

Quanto aos resultados dos trabalhos nada sabemos é claro, estamos convencidos que foram muito rendosos e sobretudo terão contribuído para um mais profundo conhecimento do assunto...

OS DEZ MANDAMENTOS

da bom estudante

Publicamos hoje os 10 Mandamentos do bom estudante já publicados no 1.º número do «Arauto». É uma necessidade que se impunha. Além disso foram revistos 5%, aumentados 10%, actualizados 5% e aldrabados 80%.

1.º — O Bom estudante não se deixa levar pelo que lhe dizem os professores. Nunca fiando...

2.º — O Bom estudante considera sempre a sala de aula como o seu quarto de cama, e a carteira como o seu travesseiro. (Cuidado com os parafusos deslocados!)

3.º — O Bom estudante faz aviões e barcos com os cadernos diários. Não esquecer que os livros em segunda mão também têm o seu valor...

4.º — O Bom estudante estuda pouco e passeia muito. Deve também frequentar as tertulias da «Lusa» e do «Volga» como complemento cultural.

5.º — O Bom estudante folga muito durante o ano para que no fim não o passe, pois isto constitui uma contrariedade.

6.º — O Bom estudante «chumba» vários anos a fim de ficar conhecedor da matéria. Três é quanto basta...

7.º — O Bom estudante vai para as aulas descansar para assim aproveitar o dinheirinho das propinas.

8.º — O Bom estudante tem por dever e sobretudo direito, meter nos eixos o respectivo encarregado de educação. (É uma medida simplesmente preventiva).

9.º — O Bom estudante deve faltar regularmente às aulas para não ficar a dever nada ao estado. Pois claro... seria ingratição...

10.º — O Bom estudante aspira sempre à nobre profissão de polidor de calçada. Deve assim contribuir para o movimento cidadão e desenvolvimento turístico.

Crónica Geral do 6.º Ano

Alínea F

Este ano não sei porquê
No liceu cá da cidade
De tudo existe e se vê
Mesmo sem curiosidade.

E sem nada exagerar,
A f) do sexto ano
Faz toda a gente pasmar,
Creiam nisto, não me enganol

São só uns vinte talvez,
Os alunos colossais...
Bons, bons só uns dois ou três,
Mas todos são animais.

E' claro que refiro
Aqueles com raciocínio,
Mas mesmo aqueles sem ele
Estão a tirar tirocinio.

Mas para encurtar razões
E não estar com mais delongas
Vou contar aos meus amigos
Suas histórias bem longas,

Sou pessoa delicada
E por tal bem conhecido,
Falo primeiro das meninas,
Não acham que sou sabido?!

Temos em primeiro lugar,
Gorda, de óculos, lá está ela!
A nossa melhor aluna
E calada a Manuela.

Em seguida, vamos lá!
As Fátimas, mas que contraste!
Uma boa, outra má
Embora nada as afaste.

Porém, de quem a Ferreira
Mais amiga, que nenhuma,
É da Luna, prazenteira,
Que faz castelos de espumal

Mas enfim quem não os faz!
Pois se até a nossa Marta
Ao fazer os seus castelos
Estuda, estuda que se farta!

E' claro que o resultado,
E' nulo todos sabemos
Mas se fala, ai Jesus!,
Aturá-la é o que nós temos.

E p'ra o ramo terminar
Destas flores de cores galantes
Falta-me falar da Isaura
E da Alda, também estudantes.

A Isaura coitadita
Boa, modesta a estudar
E' uma colega catita
P'rá gente poder estimar.

Mas a Alda, Deus nos valha!
Embora aluna de jeito
Por ser um pouco vaidosa
Passa altiva e com um jeito,

Que eu porque sou bom rapaz
E amigo de toda a gente
Se ela fosse mais modesta
Ficava bem mais contente.

E a tropa dos masculinos?
Isso sim, isso é de estalol!
A mim conhecem-me já
Por isso de mim não falo.

Temos o gordo Francisco
Estudante tipo ficheiro,
O filósofo Macedo
E o Pimentel trombeteiro.

E o nosso melhor aluno?
A discutir, sim ou não?
Nada de vir desmentir
E' o bom Sebastião.

Mas como a vida é assim
E tudo tem um senão
O Hermínio caladinho
E' um grande molengão.

E o «titá», bebé fininho
Dois palmos, não terá mais!
Enquanto o nosso Quaresma,
Tem brincadeiras brutais!

A f) não está completa
Se o Menezes não estiver
Com seu sotaque esquisito
E tecer é o que ele quer.

Porém galã a valer
E p'ra provocar risota
O Pinto que é cabulão
Em tempos já fez batota

Mas lindo, lindo sem par
Não temos na nossa terra
Só o Miguel bonitão
Se o meu calculo não erra.

E eis aqui meus amigos
O que sei sobre vocês
A maior parte não presta
Bons, bons, só uns dois ou três.

Alínea g

Nesta alínea pequenina
De três alunos apenas
Do que nós temos mais falta
E' de mais umas pequenas

A Clotilde, muito loira,
Sempre a trincar reбуçados.
Nem sabemos se é colega
Porque anda em todos os lados.

E' da f), é da g)
E' da c), de todas elas
Porém nem sei de qual seja
Se às vezes dá às canelas.

Só o Fernando e o Rubim
Dois tipos bem diferentes—
São alunos e colegas
Que às aulas estão presentes.

O Fernando na paródia
Brinca que é mesmo um consolo
Porém o nosso Rubim
E' campónio e é parolo.

Alínea c

Mais pequena afinal
E' a c), podem estar certos:
Só tem duas meninas,
Os rapazes estão desertos.

Cristina e Aldina
Sempre à tramela a falar
P'ra não cansar muito o peito
Vão estudando devagar.

Por isso a nossa Aldina
Que é boa, mas é pedante
Para não perder o jeito
Tem profissão de estudante.



Os carrascos também morrem...

Fintas e mais fintas

Há um menino do 7.º Ano, que ao chegar à Lusa e havendo uma mesa com meninas, executa todas as manobras possíveis e imaginárias para se juntar a elas e assim receber um pouco de amparo moral de que, é claro, necessita.

Senta-te logo à primeira rapaz!

A malta compreende o teu desgosto...

Ver-mo-nos sem esperança... é mesmo de desesperar...

Alínea h

O Manuel p'ra ser diferente
Vai estudando se calhar...
Acontece a certa gente
Que não gosta de estudar.

Mas na alínea do Manel
E' ele o melhor de todos
Pois, como estuda sózinho
Sabe as lições sempre a rodos

Isto diz ele, já se vê
E eu não sou de confusões
Porque se vissem as notas
Até tinham aflições.

Há «tipos» de toda a raça
Nesta vida, podem crer,
Que julgam, mas sem ter graça
Que a gente os tem que sofrer.

E' o caso do Bettencourt
Da triste turma de Letras
Esquecido a meu ver
Que quem diz letras, diz tretas.

Se querem homens de génio
E progresso neste mundo
Procurem nos de Ciências
Em que o saber é profundo

E deixem-se de teorias
E de conversa fiada
Pois o «galo da vizinha»
Só canta e não faz mais nada.

José Fernando Ávila
6.º Ano F

A ALMA DAS COISAS

UNIVERSALIDADE

I

Pensais que os ermos jazem em repouso
e são uns cemitérios desolados,
e que as coisas, assim como os finados,
permanecem num sono tenebroso?

Não! as florestas de cerrada frança,
quando as cruza o tropel louco dos ventos,
soltam um mesto còro de lamentos
em que se afligem almas sem esp'rança...

No outono, quando o campo está doente,
à vibração suave das trindades,
passa à tona das coisas, vagamente,
uma tribo de anónimas saudades...

Quando as vozes da vida desfalecem
e a paz é triste e vasta como um mar,
cheia de graça, a lua vem falar
aos corações eleitos que a conhecem.

II

Enquanto se detém o vosso olhar
à tona dos aspectos, impotente,
no âmago de tudo, claramente,
eu descubro um espírito a cismar.

Deleita-se a minha alma a respirar
os afectos das coisas: a dolente
nostalgia dum cerro olhando o mar,
a oração das paisagens ao morrente....

Sim, eu respiro como essência estranha
a orfandade que exala uma montanha
quando o outono a junca de destroços.

E esses casais, dispersos pelo monte,
sinto-os pensar, cravando no horizonte
os seus olhos humanos como os nossos.

RUÍNAS

Como sois tristes, casas derrocadas,
com vegetais daninhos por mobílias,
esquecidas de todos, desoladas,
sem o vivo bulício das famílias!

Enquanto os transeuntes vos encaram
como coisas inertes e banais,
com que amarga saudade vós cismais
nos que em remotos dias vos amaram!

No vosso seio, esqueletos carcomidos,
como um velho doente e olvidado,
geme asilada a alma do Passado,
mas raros são os que ouvem seus gemidos.

GETESEMANI

Por esta noite de céu baço e sem luar
a alma das coisas é viúva e taciturna.
Nada na opressiva estagnação nocturna
um sofrimento esparso, um avulso pesar...

Que profunda tristeza o Imóvel acomete
sob este céu de chumbo! Eu sinto suspirar
e julgo ouvir-lhe a voz dorida murmurar:
«Minha alma está desamparada no Olivete»!

Deserto todo o burgo. Eu divago através
de quelhas negras, duma tétrica mudez,
sob o agoiro dos céus cinzentos e pesados,

a alma afogada na maré da desesp'rança
anónima, que inunda a noite bruna e mansa
e me oprime como os sinos a finados...

ALVORADA SATURNIANA

Livido amanhecer, lufadas agressivas
batem os canaviais e os álamos da estrada.
Que bilioso o acordar das perspectivas
por esta macilenta e gélida alvorada!

A paisagem, que empana um véu cinzento e baço,
ressuma na manhã irregelada e má
o fastio da vida, o mórbido cansaço
dum velho coração que nada espera já.

De quando em quando ulula um próximo pinhal
sob a nortada agreste, em lamentosa reza
em que se aflige a desesperança universal...

Dir-se-á senil e enferma a alma da natureza,
por este amargo abrir de fusco dia hiemal,
duma desconsolada e anémica tristeza...

TARDE ENFERMA

Folhas mortas, Outubro, um vago adeus no ar...
Tarde límpida após um dia pluvioso.
Vão almas para o exílio, e lenços a acenar
neste ocaso outonal, doente e langoroso.

Na tarde toda combalida de chorar
solta uma flauta os seus lamentos de veludo,
que parecem brotar do íntimo de tudo...
Dir-se-á o coração do outono a suspirar.

E no fanar da luz, no toque das trindades
treme um rondó de despedidas e saudades...
O azul duma expressão sonhadora e serena

olha a paisagem outonal saudosamente,
e tão magoado, tão nostálgico e dolente
que parece também um suspirar de avena...

SÁBADOS

A doce alma dos sábados rurais
afagando as aldeias pela tarde,
na hora em que fumegam os casais
e o fulvo ocaso em vivas chamas arde!

Anunciativos, sob o azul docel,
cantam sinos na tarde que descora.
Lembram a voz do anjo Gabriel
quando foi visitar Nossa Senhora.

Sábado ao pôr do sol... Com que doçura
o seu celeste afago tudo embala!
Dir-se-á que o próprio campo se satura
da bem-aventurança que ele exala...

AR DE DIA SANTO

Sinto o domingo no ar
da flava manhã de Abril,
como uma essência subtil
que tudo vem perfumar.

Vibrante, na manhã de oiro
canta um sino festival.
Vem deste domingo loiro
não sei que eflúvio pascal...

E as encostas que eu distingo
além, o prado florido,
tudo me parece unguido
dum não sei quê de domingo ..

TARDE MÍSTICA

A noite mais e mais a cada instante
vai afogando os longes esfumados;
já uma estrêla ou outra, vacilante,
lantejoula os espaços anilados.

Sobem rezas da messe marulhante.
Um aroma de matos e de prados
voga na tarde como a alma errante
dos vegetais, sonhando, extasiados.

A magia indizível do morrente
unge tudo de sonho... Na amplidão
desmaia a voz da vida lentamente.

Duma saudosa e fina vibração
morre no ar um *angelus* plangente:
parece a voz da tarde em oração...

TARDE SONHADORA

Expira a tarde ; o mar entorpecido
tem um canto monótono que embala,
um como que nostálgico gemido
que do Ausente, do Além me fala...

Desmaia o horizonte elanguescido,
com frouxos tons de pérola e de opala,
neste esvaír de luz que doce exala
um mágico amavio indefinido...

E eu sinto errar na tarde de veludo
uma alma que medita, esparsa em tudo,
um ser espiritual que não descubro.

É um ser feminino, num sonho imerso,
que, como vago aroma, anda disperso
nesta tarde meiguíssima de Outubro...

OLHANDO OS LONGES

Aplacou-se o ardor do dia tropical,
é a tarde dormente um veludoso afago.
Sob o lento fanar do oiro vespéral
dorme espelhado o mar como um imenso lago.

Recortados no céu vermelho do poente
dois pinheiros num lombo avultam isolados
e parecem olhar os longes, vagamente,
do mágico esplendor da tarde deslumbrados...

Ao vê-los lá no alto extáticos, dir-se-ia
que as almas lhes penetra essa melancolia
que vem no fim da tarde ungir a imensidade.

Eu creio que os absorve um sonho indefinido,
que eles cismam, fitando o mar de aço polido
e um vago *para além* relembram com saudade...

RONDÓ DO OUTONO

Por este Outubro mórbido e fanado
a minha alma respira uma elegia
no ar do campo, ao desbotar do dia,
quando adormece o sol esbraseado.

A mágoa dum poeta desterrado
suspira errante na nortada fria.
Por este Outubro mórbido e fanado
a minha alma respira uma elegia...

Voga um pungente adeus no entardecer...
E o velho Jeremias vem gemer
no ramalhar do bosque desfolhado.

Oh, essa alma que chora o seu desgosto
no íntimo das coisas, ao sol posto,
por este Outubro mórbido e fanado!

RELICÁRIOS

I

Num salão dum palácio antigo e imponente,
nobre solar feudal, hoje sem moradores,
dormem ao longo das paredes, gravemente,
telas representando os defuntos senhores;

e, companheira dos retratos de família,
na grande sala abandonada e esquecida,
com seu ar medieval e augusto, a mobília
absorve-se a sonhar com uma idade abolida...

Daquelas coisas do passado ainda se eleva
um vago não sei quê de recepção medieva,
como que a essência dos saraus da meia idade...

E eu sinto o coração exilado e oprimido
nesse fragmento doutro tempo aí retido,
nessa solene estagnação de antiguidade...